

# I CONGRESSO DE ARQUEOLOGIA BRASILEIRA

LUSKA SIMONSEN

Recentemente encerrado, o 1º Congresso de Arqueologia Brasileira, realizado em Teresópolis de 3 a 10 de março deste ano, constituiu-se no mais importante acontecimento da especialidade em nosso País, tanto pelo seu ineditismo, por ser o primeiro, como pela possibilidade real que trouxe aos arqueólogos de reunirem-se para discutir os problemas relativos à classe. O Congresso realizou-se sob a égide da soma, buscando

resolver problemas comuns dentro de um clima da maior cordialidade. A ele compareceram profissionais de mais de 10 Estados, que trouxeram cerca de 20 teses originais.

O 1º CAB, foi patrocinado pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Mário Henrique Simonsen, Centro de Informação Arqueológica e Instituto de Arqueologia Brasileira, que nomearam Comissão Coordenadora integrada

por alguns dos maiores nomes da arqueologia carioca para orientar e organizar estes congressos anuais. Compunham a Comissão Coordenadora o Professor Ondemar Ferreira Dias Jr., do Patrimônio Histórico e Artístico da Guanabara e do Instituto de Arqueologia Brasileira; Dr. Milton Parnes

— Presidente do Centro de Informação Arqueológica e da Faculdade Mário Henrique Simonsen; Franklyn Levy, do Instituto de Arqueologia Brasileira; Dr. Alfredo Mendonça de Sousa, do Centro de Informação Arqueológica e da Faculdade Mário Henrique Simonsen; Franklyn Levy, do Instituto de Arqueologia Brasileira e esta articulista.

O tema do Congresso abrangeu três áreas: Sinalizações Rupestres, Pesquisas Correntes e Problemas da Arqueologia Brasileira. Nesta última comissão, foram discutidos problemas relativos à Profissão, Legislativa, Fiscalização, Profissionalização, Formação de Profissionais e Incentivo ao Turismo. Sobre estes assuntos tornaremos em nossos próximos artigos.

Na Sessão Solene de Instalação, foram eleitos o Pe. João Alfredo Rohr, Diretor do Museu do Homem do Sambaqui de Santa Catarina, Maria Arminda Mendonça de Souza, do Centro de Informação Arqueológica, para Presidente e Secretária do Congresso, respectivamente.

Nas sessões plenárias subsequentes, foram apresentadas teses dos participantes, merecendo especial destaque o Estudo das Casas Subterrâneas apresentado pelo Prof. Fernando La Sálvia da Universidade de Caxias do Sul. Estas casas subterrâneas, são abrigos circulares, enterrados no solo, que foram utilizados pelos antepassados dos atuais índios Kajngangs. Algumas chegam a ter mais de 20 metros de diâmetro. Ocorrem sempre em grupos, constituindo linhas de defesa, com algumas mais avançadas, quase como sentinelas. Durante as escavações foram encontrados diversos tipos de cerâmica, artefatos líticos e restos de inúmeras fogueiras. Conta a tradição que estes índios, por força do clima inclemente do sul, viviam permanentemente agachados junto às fogueiras, de tal forma que «a face anterior de suas pernas era uma única chagá». O conferencista chamou a atenção para o extraordinário potencial turístico, apresentado por esta espécie de sítios arqueológicos, lembrando que os mesmos, ocorrem em zonas frias, desde o Rio Grande do Sul até o Paraná, havendo inúmeras formações, não confirmadas, de que ocorrem também em São Paulo, Mato Grosso, Goiás e Paraíba.